

A HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA: NOVAS ABORDAGENS

Tania Bessone¹

“Os livros declaram-se por meio de seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações em suas capas” (Alberto Manguel, 1997).

O livro, tal como o conhecemos agora, foi obra do engenho humano através dos tempos. Suas primeiras formas variaram de tabuinhas de cerâmica a rolos de papiros e seu formato moderno definiu-se na Europa medieval, nas bibliotecas dos conventos, primeiro como pergaminhos costurados e pintados como iluminuras, mais tarde como papéis encadernados. Depois da invenção de Gutemberg o papel impresso tomou forma semelhante aos códices medievais, e dependendo do gênio dos primeiros impressores, como Aldo Manúcio, em Veneza, incorporou-se novidades que a nosso ver aparentemente estão dadas: o parágrafo, o ponto, a mancha elegante, o itálico. Os *Aldos* atraem até hoje os colecionadores do mundo inteiro e se tornaram uma revolução na arte da edição.²

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta do Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História e Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Publicou: *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro - 1870-1920*. 1999, (Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa de 1997); *Circulação de idéias nas bibliotecas privadas do Rio de Janeiro no final dos oitocentos*, em TRONCOSO, Hugo Cancino (Org.). *Nuevas perspectivas teóricas y metodológicas de la Historia intelectual de América Latina* (1999). O IAB e os advogados no Império. Brasília: OAB, 2003; O IOAB na Primeira República. Brasília: OAB, 2003 e OAB. *Criação, primeiros percursos e desafios (1930-1945)* ambos na coleção *História da Ordem dos Advogados do Brasil*. Hermann Baeta (org) Brasília: OAB, 2003. *Literatura, história e política em Portugal (1820-1856)*. Lúcia M. Bastos Pereira das Neves et al. (Org.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. Endereços eletrônicos: bessone@uol.com.br e bessone@uerj.br

² Ver Enric Satué. *Aldo Manuzio. Editor, Tipógrafo, Livreiro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

O livro, nas suas várias maneiras de apresentação, é o ponto de convergência de interesses de historiadores e literatos. Na área de literatura e filosofia ele já vinha sendo estudado, através de ensaios que procuravam analisar as leituras de nomes importantes como Machado de Assis, Balzac ou Hume. Como minha formação é de historiadora, aqui destacarei os momentos mais recentes em que o livro se transformou em grande objeto de estudo entre nós, historiadores.

A história do livro foi se definindo após muitas reflexões, desde o século XIX, mas foi no século XX que diversos estudiosos a privilegiaram, focalizando os trabalhos de impressão, as técnicas de produzir livros e as formas de organização de grandes ou preciosas bibliotecas. Daniel Mornet,³ um dos historiadores franceses pioneiros, utilizou os catálogos de bibliotecas como fonte para seus estudos, lançando uma pergunta básica, anunciada por tantos outros estudiosos: o que liam esses homens dos séculos XVI e XVII? Esta pergunta aparentemente simples levou à buscas novas e à construção de novos textos entre historiadores, criando novas abordagens na maneira de estudar o livro e a leitura. Grandes ou pequenos conjuntos de livros, com proprietários que nem sempre se preocuparam com sua organização, tornaram-se fontes para historiadores que também mudaram suas perspectivas em relação às fontes cartoriais e aos próprios livros. Com isto, o livro que até meados do século XIX, era estudado como matéria em si, isto é, pelo próprio suporte, mais pela sua forma luxuosa ou original, integrou-se à história da sociedade e da cultura, ficando os historiadores responsáveis pelo seu contexto econômico-social. Passou assim a ser objeto de numerosos estudos, sempre atentos ao contexto social de seu tempo.

Outras perguntas foram acrescentadas por outros historiadores: porque haveria uma presença desigual do livro nas várias sociedades estudadas? Ou uma outra pergunta ainda de mais difícil resposta: onde encontrar leitores e confirmar suas leituras? Haveria então a partir daí duas indagações básicas a serem enfrentadas: *quem lia?* *Quem lia o que?* *Além de outra introduzida pela historiografia francesa: de que maneira se lia?*

³Daniel Mornet. Les Enseignements des bibliothèques privées 1750-1780. In: *Révue d'Histoire Littéraire de la France*. Paris, 17: 449-492, 1910

Para Henri-Jean Martin, a história do livro tomou inicialmente como parâmetro uma hagiografia sobre Gutenberg, perpetrada pelos alemães; orientou-se depois para estudos de pessoas do ramo, como colecionadores e bibliófilos e, a partir de então, produziu textos sobre as formas de impressão antigas ou longas bibliografias de obras importantes e análises eruditas de bibliotecas principescas. Mas o foco eram geralmente as camadas sociais mais abastadas e outro aspecto passou a se impor: o que lia o homem comum? Falar ou escrever sobre livros parecia e parece algo tão comum, principalmente para aqueles que sempre se cercaram deles, que o tema, só mais recentemente, veio a ocupar os debates de pessoas preocupadas com a questão.

Tratado com muita leveza e personalismo ao longo dos séculos - como no texto de Montaigne⁴ sobre sua biblioteca e as formas de usá-la, solitário ou partilhando os livros, no recolhimento da torre de sua casa - o livro apareceu como tema recorrente na literatura. Um outro historiador que se debruçou sobre a questão, sugerindo abordagens contemporâneas, foi Lucien Febvre.⁵ O livro que produziu em conjunto com Henri-Jean Martin e publicado em 1958, postumamente a Febvre - *L'apparition du livre* - transformou-se em um clássico e colaborou para ampliar os estudos centrados na história do livro.

As produções historiográficas européias e americanas trataram o livro como objeto histórico, produzindo textos multidisciplinares que refletiram o trabalho de cientistas sociais das mais diversas áreas, demonstrando a existência de constantes debates sobre questões enunciadas na própria escolha de seus objetos de estudo: as sociabilidades intelectuais, a marginalidade, a história da leitura confrontada com a história do livro, as edições e sua recepção. Nesse sentido, autores como Michel de Certeau, Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Paul Ricoeur expressaram, em suas obras, diferentes formas conceituais e metodológicas de reflexão, influenciando estudiosos das mais diversas disciplinas. Estes estudiosos incorporaram a sociologia, a história literária, a epistemologia das ciências e a filosofia nas suas maneiras de produzir história do livro e da leitura.

⁴ Michel Montaigne. *Ensaíos*, tradução de Sérgio Milliet, 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁵ Ver Lucien Febvre & Henri-Jean Martin. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista/Hucitec, 1992.

Mais recentemente, Isabelle Olivero⁶ produziu uma obra na qual tratou da história das coleções francesas do século XIX, e reconheceu que vinha da mesma linhagem historiográfica de Robert Mandrou, Roger Chartier, Philip Gaskell e Don F. McKenzie, o grande e importante responsável pela *New Bibliography* – que produziram também obras fundamentais sobre crônicas livreiras e edições críticas.⁷

Olivero estudou mais profundamente a coleção Gervais Charpentier, editor francês do século XIX, que criou o chamado formato francês nos livros e os vendia a preços populares, fazendo um enorme sucesso. A análise que a historiadora fez do catálogo e seu aparelho crítico também são um marco nas novas abordagens que estou destacando nesta conferência. Mas, a performance de Charpentier não seria possível se a França não enfrentasse muitas modificações positivas no ensino, depois de leis específicas sobre instrução popular gratuita, obrigatória e leiga.

Outras motivações historiográficas e metodológicas mais recentes voltaram-se para as fórmulas editoriais, tendência marcante na França desde 1968 e houve uma grande investida na história dos editores, produzidas por Daniel Milo, Jean Yves Mollier, Sophie Grandjean.⁸

Paralelamente outros historiadores debruçaram-se sobre o estudo dos almanaques, e destaco aqui Roland Gosselin e Mona Ozouf.⁹ Além de estudos importantes sobre a alfabetização e as formas de leitura populares trabalhadas por Frédéric Barbier e François Brotel.¹⁰

Todas estas abordagens fazem parte da renovação historiográfica processada ao longo dos anos oitenta e dos anos noventa do século XX, não mais relegadas a uma reflexão considerada excessivamente erudita, mas como parte integrante e ativa da história cultural. Nela, trabalham

⁶ Ver Isabelle Olivero. *L'Invention de la Collection*. Paris: Édition de L'Imec, 1999 e sua revisão bibliográfica sobre as obras destes estudiosos.

⁷ Ver, o já clássico Roger Chartier & Daniel Roche. *Le livre, un changement de perspective*. In: Jacques Le Goff & Pierre Nora (dir.). *Faire de l'histoire: nouveaux objets*. Paris: Gallimard, 1974 e Roger Chartier. *Textos, Impressões e leituras*. In: Lynn Hunt (org.). *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes. 1992. p. 211-238.

⁸ Daniel Milo. *Les classiques scolaires*. In: Pierre Nora (dir.). *Les lieux de mémoire* (v. 2: La Nation***). Paris: Gallimard, 1986. p. 517-562, e também Jean-Yves Mollier, *L'Argent et les Lettres. Histoire du capitalisme d'édition. 1880-1920*, Fayard, 1988.

⁹ Mona Ozouf. *L'École, l'Église et la République 1871-1914*, Paris: Armand Colin, 1962.

¹⁰ Eliana de Freitas Dutra e Jean-Yves Mollier. (org) *Política, Nação e Edição. Lugar na construção da vida política*. São Paulo: Anna Blume, 2006.

com diferentes perspectivas Roger Chartier, Robert Darnton, Daniel Roche e Carl Schorske.¹¹ Outros historiadores aprofundaram temas que antes eram mais próximos dos estudos literários ou de análises voltadas ao estudo da bibliografia. Esses estudos, nas suas múltiplas formas de analisar a realidade culturalmente constituída passaram a ser um pólo atrativo para muitos historiadores.

Mas como responder a tantas perguntas? Um outro diferencial foi o uso de fontes documentais que pareciam mais adequadas à história serial, mas que se revelaram muito alvissareiras para os historiadores do livro e da leitura. Por exemplo, a historiografia francesa sugeriu um caminho possível: os inventários “post-mortem” e outros documentos cartoriais.⁷ Portanto, um testamento ou uma lista redigida por um tabelião na qual se encontrasse livros entre os bens de um defunto seriam fontes preciosas para responder às perguntas sobre o que liam, ou ao menos, o que compravam em termos de obras algumas parcelas da sociedade.

Outra fonte que fortaleceu as pesquisas foram os catálogos. Ora, a tendência a catalogar e criar listas sistemáticas é antiga. Mas, somente depois de várias tentativas de facilitar o acesso aos livros de uma biblioteca através dos séculos, à medida que elas foram aumentando de tamanho, é que surgiu o que Chartier e Roche chamaram de bibliologia. Ao longo dos séculos XVII e XVIII a bibliologia e a preocupação em se criar um catálogo se converteram em realidade. A busca de alguns colecionadores por alguns incunábulo que se tornaram edições de sucesso também favoreceu a constituição de catálogos

A Era da Bibliofilia, outra expressão de Roche e Chartier, vai se consolidar em fins do século XVIII. Em 1780, Antoine-Augustin Renouard, um editor, estuda e elabora o sentido da obra de Aldo Manúcio, para salvá-las. Foi o primeiro que fugiu dos ideais antiquários e do colecionismo, e produziu uma bibliografia com traço moderno das obras de Manúcio, concluindo um catálogo exaustivo destas publicações. Iniciou também uma compra sistemática de coleções particulares e produziu os

¹¹ Robert Darnton. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 e também *Boemia literária e revolução*. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 198. Daniel Roche. *Le peuple de Paris: essai sur la culture populaire au XVIII^e siècle*. Paris: Aubier Montaigne, 1981 da qual existe também uma tradução em português.

Anais da tipografia dos Aldo que foi a obra pioneira na organização de toda a produção conhecida dos Aldo.

Os catálogos passam a ser um item importante no estudo dos livros e forma se aperfeiçoando á medida que as edições e as bibliotecas acumulavam mais e mais livros. Seguindo esta vertente, Robert Darnton chega a afirmar que “um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como perfil de um leitor” pois, tem a vantagem de unir o “o que” com o “quem” da leitura.¹² Uma importante contribuição do historiador norte-americano foi apontar fontes complementares que podem colaborar para a realização de estudos sobre o livro e o hábito da leitura.

Também as fórmulas editoriais e repertórios textuais transformaram-se em objeto de estudo: o aspecto formal e material da apresentação de um livro, seu formato, paginação, corte de texto e ilustração. Muitos se debruçaram sobre romances de cavalaria, contos de fadas, manuais de civilidade, livros de prática. Chartier, por exemplo, estudou uma das primeiras coleções de livros populares a *Bibliothèque Bleue* (Biblioteca Azul), e buscou delinear uma fronteira entre uma literatura popular e a erudita desta coleção de livros pequenos e baratos livros, sempre com capas azuis.

Outra pergunta muito comum entre os historiadores é como se opera o encontro entre “o mundo do texto” e o “mundo do leitor”. Caminho de difícil trânsito, mas já respondido por alguns autores que estudaram as leituras partilhadas como no exemplo de Menochio, personagem de Guizburg em o *Queijo e os vermes* - que lia a *Bíblia* em vulgar, e a interpretava a seu modo, ou outros estudos de Chartier sobre o Quixote e os livros de *Caballerías*.¹³

O mercado popular do impresso, com textos adaptados e curtos, vendidos por cegos e ambulantes foi outro importante tema analisado, com destaque para as *Silva de romances* (Saragoça, 1551) e *Silva de varios romances* (Barcelona, 1561), no caso espanhol. Para o caso inglês, houve estudos de gêneros poéticos e textos de divulgação ampla – *Winter's Tale e as Ballads*. Outro sucesso editorial foi analisado por historiadores ingleses, o *penny chapbook trade*, chamados de small books e também double books,

¹² Ver Darnton. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII, op.cit.*

¹³ Ver, por exemplo, Roger Chartier. *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

livros baratos que custavam tostões, assim como na França os livros padrões da *biblioteca azul*, já mencionados.

Era inegável que os historiadores poderiam ampliar seus horizontes e incorporar aos seus estudos os leitores mais “esquecidos” aqueles que ouviam as leituras, que partilhavam as mesmas obras, com textos populares ou adaptações eruditas. Paul Ricoeur¹⁴ fundamentou para muitos a possibilidade de se analisar a leitura como o ato pelo qual o texto ganha sentido e adquire eficácia, isto é, sem leitor o texto é apenas um texto virtual, sem essência verdadeira.

Outro tema muito em destaque foram os “best-sellers” de determinadas épocas. Romances e periódicos entraram na ordem do dia dos estudos. Por exemplo, as obras de Samuel Richardson (1689-1761) promoveram uma revolução entre os leitores, uma vez que um novo público predominava na escolha: as mulheres. As obras preferidas, como *Pamela e Clarissa*, texto elaborado basicamente com cartas, destacaram temas novos do gosto popular. Muitos historiadores europeus e brasileiros debruçaram-se sobre esta temática, inclusive Márcia Abreu que no Brasil lidera um grupo de pesquisa muito produtivo denominado “*Os caminhos do romance*”.¹⁵ Outros temas que passaram a ser explorados dizem respeito às leituras sentimentais, à leitura em público e a leitura silenciosa, além da preferência pelas leituras ao ar livre que ajudaram inclusive a diminuir os formatos dos livros para facilitar seu transporte. Locais, mobiliários, casas burguesas: todas as modificações nos ambientes de leitura tornaram-se novas possibilidades de abordagens na história do livro e da leitura.

Mas, à medida que aumentava o número de historiadores interessados na temática, outras questões passaram a ser exploradas, como por exemplo, a importância das feiras de livros, como a Leipzig, na Alemanha, os editores, o funcionamento das gráficas, as profissões surgidas a partir delas. Também as transformações nas formas de ler, de ler sem comprar livros, através de empréstimos, sociedades literárias, bibliotecas.

¹⁴ Paul Ricoeur. *Histoire et Vérité*. Paris: Editions Seuil, 1955.

¹⁵ Márcia Abreu.(org) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo Fapesp, 1999.

Um outro tema caro aos estudiosos eram os novos leitores do século XIX: as mulheres, as crianças, os operários, envolvendo todo tipo de acesso aos livros e aos impressos, o conjunto de imagens da vida intelectual, as bibliotecas como refúgio do mundo, os espaços arquitetônicos privilegiados do trabalho e da memória que formavam a *Repubblica litteratorum*/República das Letras.

A riqueza apresentada pelas novas abordagens tornou muito consistente os estudos sobre o livro e a leitura. A biblioteca viria também representar um tema incontornável, estudada como lugar de lazer e erudição seja por historiadores ingleses, franceses, ou alemães. As bibliotecas representaram também uma pluralidade de opções para estas novas abordagens: a vida política e cultural de uma cidade, o lugar de ócio ou de lazer e erudição. Não só isto; mas também as maneiras de decorá-las ou torná-las pontos de exibição de poder.

Portanto, uma lista enorme de temas que passou pela multiplicidade de modelos de coleção, aos meios de localizar livros e demonstrar sua posse, sobretudo nos já mencionados catálogos, além da questão do mecenato, do ensino leigo, das bibliotecas itinerantes, daquelas que faziam empréstimos, do estudo de periódicos, e diversas formas de consolidar a frequência dos leitores.

Alguns fizeram uma bibliografia associada a biografias e traçaram perfis de pessoas incomuns que muito fizeram pelos livros, tal como o caso de Eugene Morel e de Jacques Doucet, que eram bibliófilos, com profissões muito variadas. Outros autores que quero destacar são: Marc Baratin e Christian Jacob¹⁶ com texto muito erudito sobre bibliotecas. Outro autor que não posso deixar de destacar é Luciano Canfora, filólogo italiano que muito contribuiu para as mais novas abordagens sobre a história das bibliotecas.¹⁷

¹⁶ Marc Baratin e Christian Jacob (dir) *Le pouvoir des bibliothèques*. Paris: Albin Michel, 1996, obra traduzida no Brasil pela editora da UFRJ.

¹⁷ Luciano Canfora. *A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

A história do livro e da leitura no Brasil

E como a historiografia brasileira tem desenvolvido seus estudos sobre esse universo tão rico?

O que despertou inicialmente o interesse foi o tema da imprensa periódica e foi Alfredo de Carvalho, membro do IHGB, que publicou na Revista do IHGB, em 1908 a “Gênese e progresso da imprensa periódica no Brasil”, obra pioneira e reconhecida por todos os estudiosos do tema. Naturalmente era uma abordagem dentro das perspectivas da história política, dentro dos quadros conceituais vigentes no período.

A História do livro, em suas nuances mais próximas aos temas atuais, veio pela mão de um bibliófilo. Foi Rubem Borba de Moraes que se tornou o pioneiro com sua *Bibliografia Brasileira do período colonial* publicada pelo Instituto de estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em 1969, e que tratava sobre obras escritas por brasileiros no período colonial. Depois (em 1979) analisou em um capítulo de seu livro *Livros e Bibliotecas no Brasil colonial* o comércio de livros no Brasil Colônia.

Em 1945, foi publicada em Belo Horizonte, uma obra muito saborosa com um recorte de história da leitura: *O diabo na livraria do cônego*, de autoria de Eduardo Frieiro. O autor, modesto, descreve o ensaio como uma tentativa de “ensaio bibliográfico à margem da inconfidência mineira”, mas o resultado é uma análise do conteúdo iconoclasta da biblioteca do religioso, e que responde de forma original uma pergunta que ele pretendia resolver; o que liam os letrados no Brasil do final do século XVIII. Outro erudito e estudioso do livro, Carlos Rizzini produziu, em 1946, a obra *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822*, publicado no Rio de Janeiro, pela Editora Kosmos e que envereda de forma erudita pelo tema. Outra obra importante do mesmo autor é *Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense* publicada em São Paulo pela Companhia Editora Nacional em 1957.

Mas, havia necessidade de se produzirem bibliografias que são instrumentos de trabalho fundamentais para este tipo de pesquisa. E basicamente, se tinha nesta época o *Catálogo da exposição de história*

do Brasil publicado em 1881, por ocasião da exposição da Biblioteca Nacional, dirigido por Ramiz Galvão, obra importantíssima para todos que estudam o livro no Brasil, além dos estudos mais contemporâneos de Rubem Borba de Moraes.¹⁸

Não que não tivesse havido iniciativas em estudos sobre o período colonial. Podemos citar Clado Ribeiro Lessa, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e um estudioso de Brasil, E. Bradford Bruns que no *Journal Of the History of Ideas* publicou textos relativos às bibliotecas particulares mineiras de fins do século XVIII, e início do século XIX, e que foi a origem de muitos dos livros importantes da biblioteca pública de São João Del Rey. A publicação em português ocorreu em 1971. Outros autores, membros do IHGB e que também foram pesquisadores incansáveis sobre livreiros e livrarias, enveredando depois para questões de editoria, foram Marcello e Cybelle de Ipanema¹⁹.

E só para marcar a longevidade de suas produções cito a mais recente obra *Silva Porto: livreiro na corte de d. João editor na independência* publicada no Rio de Janeiro pela editora Capivara em 2007.

No entanto, a história do livro e da leitura exige um esforço coletivo muito maior que iniciativas individuais e na universidade brasileira, tardia instituição aqui nos trópicos, começou-se a se definir esta obra coletiva. A influência de autores europeus e americanos como Chartier, Darnton, Roche, Manuela Domingos²⁰ só seria mais efetiva a partir da década de 80.

Aliás, foi nesta década que se publicou, em 1985, um livro que se tornou um clássico e foi reeditado em edição monumental recentemente: *O livro no Brasil. Sua História* de Laurence Hallewell, tradução da obra publicada originalmente em 1982, *A History of the publishing Trade*. Título originalmente referia-se a editores e tipógrafos brasileiros dos séculos XIX e XX, mas foi traduzido como um estudo sobre o livro no Brasil, tornando-se muito importante e reconhecido como um grande esforço de sistematização, por mais que tenham surgido críticas à obra.

¹⁸ Rubens Borba de Moraes. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro/São Paulo. Livros Técnicos e Científicos/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979

¹⁹ Marcelo e Cybelle de Ipanema. Subsídio para a história das livrarias. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: MEC/INL, n. 32, 1968 entre outros tantos textos.

²⁰ Manuela D. Domingos. *Livreiros de setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000

O livro de Kátia Queirós Mattoso sobre o movimento baiano, *Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798* publicado em Salvador, pela Itapoã, em 1969, também é pioneiro, fundamentado nos arrestos produzidos na repressão da referida revolta e marcou uma linha de pesquisa que depois teria muitos seguidores. Porém, quero destacar aqui uma professora da USP à qual devemos um esforço sistemático, iniciado ainda na década de 70 e que foi uma pioneira: Maria Beatriz Nizza da Silva, que orientou muitos trabalhos com a temática sobre o livro e a leitura, criando o que exige um esforço como este, uma rede de projetos e produções que colocou a historiografia brasileira dentro destas novas abordagens. Quando pesquisou os anúncios do Jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* na década de 70, percebeu a importância do comércio de livros. Recentemente escreveu *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1801-1821)* que teve a primeira edição pela Companhia Editora Nacional, em 1977. Os anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro* foram fontes importantes para a nova obra recentemente editada pela Eduerj (2007) e denominada *A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822) Cultura e Sociedade*, na qual revisita o mesmo periódico.

Com a consolidação de programas de pós-graduação em várias universidades brasileiras a partir da década de setenta a produção de história do livro e da leitura teve um grande e importante impulso. Atualmente podemos citar vários núcleos de excelência, em São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio de Janeiro. Vou destacar alguns nomes, mas certamente não mencionarei todos, tal é o número atual de historiadores produzindo quanto à História do Livro e da Leitura no Brasil.

Márcia Abreu publicou sobre folhetos de cordel e também sobre censura a romances²¹. Luiz Carlos Villalta escreveu numerosos artigos sobre leituras, censores, livros libertinos, bibliotecas coloniais.²² Marisa Lajolo, que tem produzido incontáveis e originais obras sobre o mundo da leitura, sua circulação, o valor dos livros em diversos períodos da

²¹ Márcia Abreu. Amor, História e Luta. Antologia de folhetos de cordel e também, só para ficar em dois exemplos O Rei e o sujeito – considerações sobre a leitura no Brasil colonial. *Revista Convergência Lusíada*. n. 17. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, p. 189-201. Ver outros textos na bibliografia.

²² Ver *Leitura, História e História da Leitura*, Márcia Abreu (org). Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo Fapesp, 1999, com textos de numerosos autores citados nestes comentários.

História do Brasil.²³ Márcia ABREU juntamente com Sandra Vasconcelos, Nelson Schapochnik, o já citado Luiz Carlos Villalta integram um grupo de pesquisa muito produtivo e renovador denominado *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*,²⁴ com divulgação garantida a todos nós pelas páginas eletrônicas que mantêm. Também na Unicamp destaco a tese de Alessandra El Far que se transformou em um livro muito original sobre literatura popular.²⁵

Aníbal Bragança, grande estudioso do tema, além de inúmeras publicações tem realizado diversos seminários sobre o livro e a leitura, com ênfase em edições e editores, sobretudo Francisco Alves.²⁶ Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, da UERJ, que tem uma plêiade de publicações e desde 1992 estuda temas como livreiros, livrarias, jornais e folhetos.²⁷ Eliana Dutra, já citada anteriormente, e com sólidas pesquisas sobre o tema, destacando-se sua obra sobre o livreiro Garnier.

Outro historiador que abordou o tema foi Marco Morel,²⁸ no qual ele estuda o papel de livreiro, editor e tipógrafo Plancher no Rio de Janeiro. Sheila Hue realiza um diálogo muito importante com os historiadores, e sua formação em Literatura faz com que se torne um trabalho interdisciplinar de qualidade e seus textos são preciosidades para entender os primeiros livros produzidos sobre o Brasil.²⁹

²³ Marisa Lajolo. *O mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, São Paulo: Ática, 2000. *Como e Por Que Ler o Romance Brasileiro*, São Paulo: Editora Objetiva, 2004. *A Formação da Leitura no Brasil* com Regina Zilberman, também pela Ática em 2005.

²⁴ Ver www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecas-br

²⁵ Alexandra El Far. *Páginas de Sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro. 1870-1924*. São Paulo: Companhia das Letras, publicado em 2004.

²⁶ Aníbal Bragança. *Eros pedagógico: a função editor e a função autor*. Tese. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001, além do texto sobre a Livraria Ideal, do Cordel à Bibliofilia. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 2009.

²⁷ Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Guilherme Pereira das Neves. A biblioteca de Francisco Agostinho Gomes: a permanência da ilustração luso-brasileira entre Portugal e o Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 165, n. 425, p. 11-28, 2004, e de Lúcia M. B. Pereira das Neves. A guerra das penas: os impressos políticos e a independência do Brasil. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, Lisboa, v. 4, n. 8, p. 41-65, 1999, só para citar dois dos numerosos textos da autora.

²⁸ Marco Morel. *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos, e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005,

²⁹ Sheila Hue. *O encontro de Luís de Camões e Garcia de Orta nas páginas iniciais de um livro*. *Revista Camoniana*, v. 18, p. 5, 2006. / Barros, João de Barros; Pero de Magalhães Gândavo; Sheila Moura Hue. *Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. v. 1 *Antologia de poesia portuguesa - século XVI. Camões entre seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. v. 1. Sheila Moura Hue e Ana Virgínia Pinheiro. (Org.) . *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. v. 1.

Também na produção dos programas de pós-graduação encontram-se muitas teses e dissertações na temática. Quero destacar a tese de Marisa Midori Deaecto: *No Império das Letras: circulação e consumo de livros na São Paulo Oitocentista*, defendida na USP em 2006, um estudo consistente sobre a circulação e venda de livros na cidade de São Paulo, ao longo do século XIX e início do século XX, destacando o papel do livreiro Anatole Louis Garraux.

Recentemente a dissertação de Ana Carolina Galante Delmas: *“Do mais fiel e humilde vassalo”: uma análise das dedicatórias impressas do período joanino*” tratou das dedicatórias em livros, tema ainda inédito em estudos no Brasil, e que recebeu a influência da historiografia francesa, sobretudo a partir da obra de Roger Chartier. Outra dissertação de Mestrado defendida na UERJ foi a de Gabriela Soares de Azevedo que estudou os originais e a publicação do livro de Gabriel Soares de Souza: *Revelações, Impressões, notas e leituras do Tratado descritivo do Brasil em 1587 de Gabriel Soares de Souza*, defendida em 2007.

Estas reflexões são incompletas e não pretendem atingir toda a bibliografia sobre o tema, na verdade é apenas uma pequena amostra do que vem fazendo os estudiosos do livro e da leitura no Brasil. De qualquer forma, mostra o vigor das pesquisas sobre a História do Livro e da Leitura no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. O Rei e o sujeito – considerações sobre a leitura no Brasil colonial. *Revista Convergência Lusíada*. n. 17. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, p. 189-201.

ABREU, Márcia. Leitura de ficção no Brasil Colônia. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 124. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1996, p. 55-69.

ABREU, Márcia; Sandra Vasconcelos; Nelson Schapochnik; Luiz Carlos Villalta. *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. 2005. www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf

ABREU, Márcia. Quem lia no Brasil colonial? In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande. Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande: Intercom, 2001.

BRAGANÇA, Aníbal. Eros pedagógico: a função editor e a função autor. Tese. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1994.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

CHARTIER, Roger. Formas e Sentidos. Cultura Escrita: entre Distinção e Apropriação. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2003.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. S. Paulo: EdUNESP, 2004.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. O aparecimento do Livro. São Paulo-SP: Unesp; Hucitec, 1992.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz . Trajetórias de livreiros no Rio de Janeiro: uma revisão historiográfica .

In: X Encontro Regional da ANPUH: História e Biografias, 2002, Rio de Janeiro. Anais do X Encontro Regional da ANPUH: História e Biografias. Rio de Janeiro : ANPUH/UERJ, 2002. v. 1. p. 129-130.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

FREYRE, Gilberto. Vida social no Brasil nos meados do século XIX. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil. São Paulo: Edusp, 2005.

IPANEMA, Marcello; IPANEMA, Cybelle de. Subsídio para a história das livrarias. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: MEC/INL, n. 32, 1968.

IPANEMA, Marcello; IPANEMA, Cybelle de. *Silva Porto: livreiro na corte de d. João editor na independência*. Rio de Janeiro: Capivara, 2007.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa. Atores Políticos. e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

OLIVERO, Isabelle. *L'Invention de la collection*. Paris: L'IMEC/ Maison des Sciences de L'Homme, 1999.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

RIZZINI, Carlos. *O Jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822*. Rio de Janeiro: Kosmos. 1946

SATUÉ, Enric. Aldo Manuzio: editor, tipógrafo, livreiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Livro e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. *Revista de História*, s. n., 1973.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura no Brasil Colônia*. Petrópolis: Vozes, 1981.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007